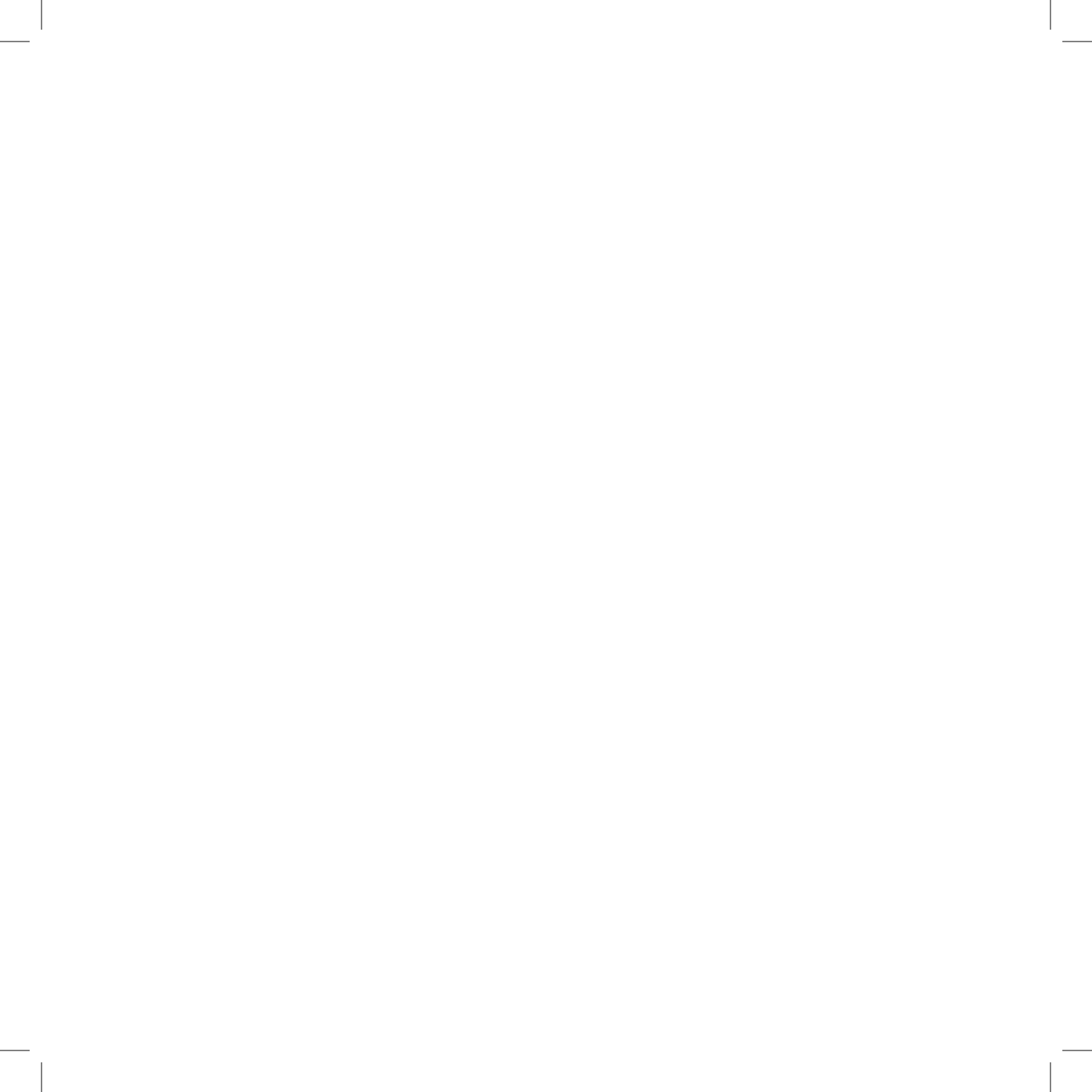


TOMÉ, O VOLUNTÁRIO



NOTA INTRODUTÓRIA

É com grande orgulho que dou as boas vindas ao Tomé; um menino que «nasce» em pleno Ano Europeu do Voluntariado e que vai, através da sua inspiradora história de vida, servir de exemplo para miúdos e graúdos tanto os que já são voluntários, como aqueles que vão em breve exercer esta atividade de cidadania ativa, cujo poder transformador é notório e, diria mesmo, essencial.

Quero agradecer em particular à minha amiga Cristina Freire, a forma como ao longo da vida foi absorvendo e divulgando uma série de causas comuns.

Em nada me espanta esta história: o Tomé, se existisse na realidade, seria – sem tirar nem pôr – assim: preocupado com os outros, altruísta e um bom amigo. Filho portanto da Cristina.

Fernanda Freitas

Presidente Nacional do AEV2011



No dia em que celebrou 13 anos, o Tomé andava muito atarefado. Ia ter uma grande festa, com amigos e família, mas antes tinha de ir às compras com a mãe. Os preparativos começaram logo pela manhã.

Enquanto esperava pelo carrinho de compras que a mãe tirava do estacionamento, Tomé reparou numa senhora idosa que levava nas mãos quatro sacos cheios de compras. E pareciam tão pesados que lhe causavam algum desequilíbrio.

Havia tanta gente por perto e ninguém ajudava a senhora.

– Bom dia, posso ajudá-la? Vai para longe?

– Oh, muito obrigada, agradeço a sua ajuda, jovem rapaz, como se chama?

– Chamo-me Tomé.

– Bonito nome. Eu moro perto, ali mesmo no prédio da esquina.

– Vou avisar a minha mãe e volto já. Levo-lhe os sacos até à porta de casa. E o seu nome qual é?

– Aurora – respondeu a senhora.

TOMÉ O VOLUNTÁRIO

Depois de ter avisado a mãe de que ia ajudar a Dona Aurora, lá foi o Tomé ao encontro da senhora que sorria para ele.

A mãe já estava habituada a estas coisas. Quase todos os dias o rapaz levava para casa animais abandonados. Dava-lhes comida, uma noite bem passada e depois ia entregá-los ao canil ou ao gatil e, sempre que podia, visitava-os.

Às vezes recebia boas notícias, um dos animais tinha sido adotado, vivia agora numa nova família.

De caminho até à porta da Dona Aurora, a conversa foi continuando:

– Não tem ninguém para a ajudar a carregar os sacos?

– É verdade, não tenho ninguém. A minha família está longe mas eu gosto de fazer as minhas compras. O que me custa mais é ter de subir três andares, sem elevador.

– Que não seja por isso, eu subo consigo e levo-lhe os sacos até à porta da sua casa.

– Muito obrigada, Tomé.





– Sabe, eu hoje faço, 13 anos. Vou ter uma grande festa, por isso vim com a minha mãe às compras, assim posso levar alguns chocolates e outros doces. No dia do meu aniversário posso ter tudo o que gosto.

Depressa chegaram à porta do prédio, agora são mais três andares. Tomé era um rapaz forte, jogava *rugby*, e tinha uma alimentação bastante equilibrada mas, mesmo assim, chegou ao terceiro andar cansado. Se ele estava assim, imagine-se a Dona Aurora. Foi então que teve uma ideia:

– A senhora faz compras todos os dias?

– Não, só ao sábado. É o único dia que tenho disponível. Eu faço voluntariado nos hospitais e isso ocupa-me todos os outros dias.

– O que é isso de voluntariado?

– Voluntariado é ajudar as pessoas que necessitam. Às vezes só precisamos mesmo é de conversar. É tão bom falar com outras pessoas: trocamos experiências e, muitas vezes, damos umas boas gargalhadas.

– Parece interessante, o seu trabalho. Posso combinar consigo o seguinte: todos os sábados às 11h00 eu venho ao supermercado. A minha casa é do outro lado da rua e ajudo-a a levar os sacos para casa, pode ser?

– Pode, claro que pode. Mas vê lá se o consegues fazer.



– Não se preocupe, o meu treino é só à tarde. Assim, em vez de ficar em casa de manhã, venho ajudá-la. Combinado!

E assim foi. O Tomé não percebeu que estava a fazer um trabalho voluntário. Assumiu o compromisso e durante quase três anos nunca falhou.

À hora combinada, lá estava, e levava os sacos para casa da Dona Aurora.

O Tomé vivia num prédio com 16 andares e um dia reparou que a maioria das pessoas tinha um cão, tal como ele. Aquilo fez-lhe confusão. Então se a maioria das pessoas estava fora o dia todo, quem levava os animais a passear?

Ele levava sempre a Ginja, à rua às 16h30, antes do lanche e do treino.

O passeio matinal da Ginja era da responsabilidade do pai porque era o último a sair de casa.

Dormiu a pensar no assunto, tinha de haver uma maneira de levar os animais à rua. Tanto tempo fechados em casa, não era nada bom.

De manhã, quando ia para a escola, passou pelo porteiro e, como era hábito, cumprimentou-o.

TOMÉ O VOLUNTÁRIO

– Bom dia senhor Rui, como está? Sabe quantos cães existem no nosso prédio?

– Bom dia Tomé, por acaso até sei. Já me dei ao trabalho de os contar, são precisamente 18, isto só cães, porque ainda há gatos, tartarugas, peixinhos, pássaros e por ai fora. Este prédio às vezes parece um zoo. Mas, porquê?

– À tarde eles vão à rua?

– Uns sim, outros nem por isso; só vão à noite!

– Vou arranjar uma maneira de os levar a passear . Obrigado e até logo. Tenha um bom dia!

– Também para ti!

A quantidade de cães que viviam no prédio não lhe saia da cabeça, eram mesmo muitos. Como é que os podia ajudar?

Era sexta-feira, no dia seguinte tinha o compromisso com a Dona Aurora. Engraçado, estavam cada vez mais próximos. As histórias que ela contava, eram tão engraçadas.

Estava absorvido pelos pensamentos e, de repente, fez-se luz. Se conseguia levar dois sacos em cada mão, também ia conseguir levar pelo menos quatro ou cinco trelas em cada mão. Assim só teria que fazer duas voltas.



TOMÉ O VOLUNTÁRIO



De regresso a casa e já com tudo planeado, voltou à conversa com o porteiro.

– Senhor Rui, já sei como levar os cães à rua. Só preciso de uma pequena ajuda sua!

– Ótimo, então de que é que precisas?

– Primeiro vou deixar aqui na portaria um aviso para quem estiver interessado, depois só preciso que o senhor fique com as chaves das casas para eu poder ir buscar os cães. Pode ser?

– Pode, não vejo qualquer problema. Escreve lá o cartaz, logo vemos o que é que acontece.

Na manhã seguinte, Tomé entregou o papel ao porteiro.

– Vou colocá-lo mesmo aqui, assim todos podem ver.

O SEU CÃO PODE PASSEAR À
TARDE NO JARDIM DOS CÃES. ELE
VAI FICAR MUITO MAIS FELIZ. TODOS
OS DIAS VOU A SUA CASA ÀS 16H30
E LEVO-O A PASSEAR.

SE ESTIVER INTERESSADO DEIXE
A TRELA NA PORTA E A CHAVE COM
O SENHOR RUI.

Tomé

DO 16º A



E assim foi. Mais uma vez, o Tomé assumiu um compromisso a troco de nada, só mesmo do bem-estar dos animais. Começou um novo trabalho de voluntariado, ainda que não percebesse o alcance do que estava a fazer.

Era engraçado ver o rapaz com tantos cães. Até arranjou forma de amarrar as trelas todas, deixando uma folga no final de cada uma. Assim era mais fácil passeá-los e não ficavam todas embaraçadas.

Quando chegava ao jardim, um pequeno espaço com alguma relva e areia e com uma cerca bem alta à volta, soltava-os.

Ficava feliz ao ver os cães a correr e a brincar. Se algum sujava o jardim, o Tomé limpava logo de seguida. Não era bonito deixar o pequeno jardim sujo e não custava nada limpar. Tal como se tinha comprometido a passear os animais, também tinha um compromisso com as pessoas, manter o jardinzinho limpo.

O tempo foi passando e Tomé estava quase a fazer 16 anos. O dia do seu aniversário chegava, perto do fim de mais um ano letivo, e o último período da escola não lhe tinha corrido muito bem. Andava muito cansado, ao ponto de ter de deixar de treinar. Às vezes, apareciam-lhe nas pernas algumas nódoas negras e o pior é que não se lembrava de como é que elas lá iam parar.

TOMÉ O VOLUNTÁRIO

Por um lado, ainda bem que Dona Aurora decidiu ir viver para o Alentejo com a irmã. Subir as escadas com os sacos de compras, tinha sido para o Tomé um esforço muito grande. Os pais estranharam todo aquele cansaço. Um rapaz tão ativo, sempre a inventar coisas para fazer e, de repente, estava sempre cansado, com febre e um pouco apático. Por isso, levaram-no ao médico.

– Tomé, marquei uma consulta. Amanhã, depois de passeares os cães, vamos ao médico. – disse-lhe a mãe.

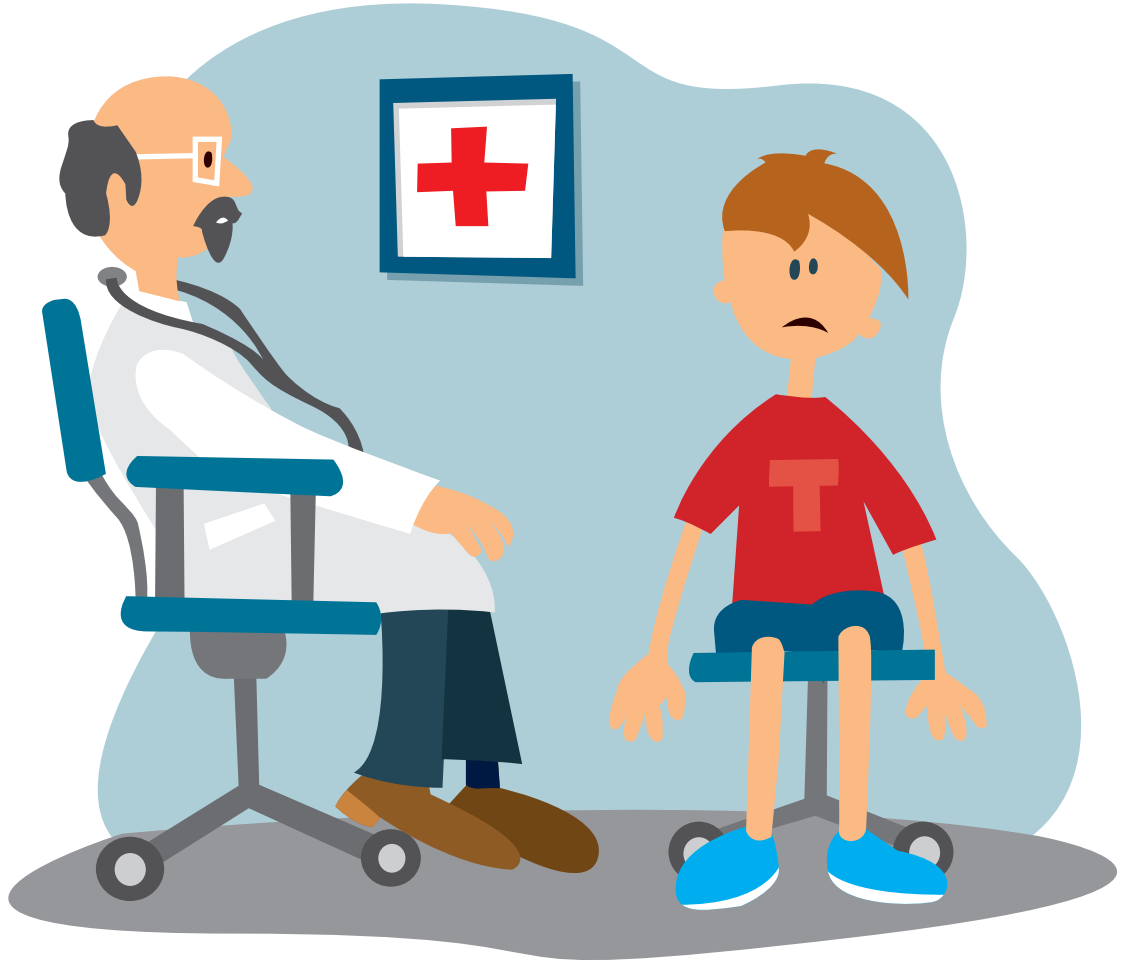
– Porquê? Não estou doente, ando um bocadinho cansado, mas isso é por causa do fim do ano, logo que termine, volto a treinar e fico bom. Hoje não me parece que tenha febre.

– Sim, acredito que seja só cansaço, mas não custa nada. Aliás foi o treinador que sugeriu.

– Está bem. Temos de começar a preparar a minha festa de aniversário, é já depois de amanhã. Este ano, vai ser um mini-arraial à noite. Já avisei todos os meus amigos.

– Boa ideia. Temos espaço para isso, é só limpar o terraço, comprar uns balões e festão. Não me parece nada complicado e damos as boas vindas ao Santo António também.

A ida ao médico não foi complicada, afinal apesar de se ser jovem, convém fazer exames de vez em quando. Isso foi o que o Dr. João lhe disse. Nada de mais, só umas análises, esperar pelo resultado e tudo voltará à normalidade.





O cansaço progressivo que vinha sentido nas últimas semanas, teve o ponto alto no dia da festa de aniversário. Tomé estava animado, a festejar com os amigos, mas mal dava um passo voltava a sentar-se e a febre também não o deixava. Olhava para a mãe e sentia que ela estava um pouco triste, mas dissera-lhe:

– O importante é teres um grande dia de aniversário. Amanhã falamos, não te preocupes, aproveita o dia e diverte-te.

O domingo, era o dia de pequeno almoço prolongado. Este era o momento em que a família colocava a conversa em dia. Às vezes, durante a semana, não havia tempo, por isso, instituíram este dia e esta refeição, para conversarem acerca de tudo o que passara durante a semana. E também das vontades e os desejos de cada um.

– Já temos os resultados das tuas análises!

– Então, está tudo bem. Não é, verdade?

– Bom, temos um problema para resolver. Vai demorar algum tempo, mas temos de ter confiança. Tenho a certeza de que tudo vai correr bem.

Tomé olhou para os pais. A situação parecia grave. Foi então que a mãe lhe explicou tudo:

– As tuas análises de sangue revelaram uma grande quantidade de glóbulos brancos, muito poucos glóbulos vermelhos e também poucas plaquetas.

TOMÉ O VOLUNTÁRIO

– E o que é que isso quer dizer, desde quando sabem disso?
– Soubemos o resultado na sexta-feira ao fim do dia. Só não te dissemos, porque era a véspera da tua festa de aniversário... Tomé, tens uma leucemia aguda. Amanhã vais ser internado e começar com os tratamentos.

No dia seguinte, Tomé foi internado no Hospital. Durante três anos, esteve num processo curativo complicado, recebeu apoio de muita gente e conheceu muitos voluntários. Foi lá que aprendeu o significado da palavra voluntário: **Voluntário é uma pessoa que dispõe de algum tempo seu para ajudar os que mais precisam.**

Logo no primeiro dia de internamento, e depois de ter sido esclarecido acerca de todo o processo de tratamento, o Tomé conheceu a Ana, uma voluntária que, tal como ele, já tinha sofrido de leucemia.

– Vais passar por um período que não vai ser nada fácil. Eu também já vivi isso tudo e olha para mim agora, estou curada e cheia de vontade de viver.

– Pois, mas quando começaste a ficar sem cabelo, como é que foi? Também tinhas assim tanta vontade de viver?

– Essa foi a parte mais difícil. É inevitável, o tratamento provoca a queda do cabelo mas, vê, agora está cá todo outra vez!

– É, se não me tivesses contado, nunca imaginaria que tu já tinhas tido com a mesma doença que eu tenho. Obrigado, foste uma grande ajuda para mim neste dia.

– De nada, vamos ver-nos mais vezes.





O processo de tratamento não foi fácil. Na fase inicial, uma das maiores preocupações de Tomé eram os cães. Por isso, assim que começou a ficar melhor e com mais força, voltou aos passeios. Todos lhe elogiavam a coragem e determinação. Talvez este pequeno gesto tenha ajudado à cura.

Por fim estava curado e prestes a iniciar o curso de Medicina. Ao mesmo tempo que frequentava o primeiro ano da faculdade, inscreveu-se na mesma instituição de voluntariado onde estava a Ana, a voluntária que tanto o incentivou e nunca permitiu que ele desistisse. Sempre que o sentia triste, fazia palhaçadas e contava-lhe histórias. Só parava quando o via rir.

De facto, a Ana fora uma grande motivação para ele.

Depois de fazer uma formação, ficou apto para ser voluntário e com isso ajudar outros jovens e crianças que estavam, ou iriam passar, por um processo de doença igual ou parecido ao dele.

O seu trabalho como voluntário, consistia em partilhar algumas horas, uma vez por semana. Neste dia, brincava com as crianças, contava histórias e, no fim de todas as conversas e brincadeiras, despedia-se de uma forma muito particular que punha tanto os pais como as crianças a sorrir.

– Espero nunca mais voltar a vê-los....

TOMÉ O VOLUNTÁRIO

Durante as férias, Tomé quis experimentar outro tipo de voluntariado. Já não tinha os cães, uma vizinha (a Rita) que tinha achado a ideia tão engraçada depois de o acompanhar em alguns passeios ao jardim dos cães, propôs-lhe:

– Tomé, estás cada vez com menos tempo, é o curso de Medicina, o voluntariado, os treinos e jogos de *rugby*... Eu posso ficar com os cães, levá-los a passear todos os dias, tal como tu fazias.

– Vê bem se tens tempo e disponibilidade. Isto tem que ser encarado como um trabalho, é um compromisso. Tens de o fazer todos os dias, os animais contam contigo.

– Tudo bem, não te preocupes, vão ficar bem entregues. Há já algum tempo que ando a pensar no assunto e já me organizei, para que não falhe.

– Fico muito contente. Sempre que puder acompanho-te.

Sem os cães e de férias, Tomé resolveu experimentar ser voluntário num museu. Este era o lugar ideal para enganar o calor que se fazia sentir na rua. Podia aprender algo de novo e também iria contribuir para a preservação do património.

Dirigiu-se ao Museu do Azulejo. Depois de uma entrevista, começou a formação.

No início, pareceu-lhe fácil mas, à medida que os dias passavam, percebeu que não tinha a mínima habilidade para lidar com materiais tão frágeis. Um dia ia acontecendo um acidente: estava a limpar todo o betão que um azulejo raro tinha por detrás e, se não fosse a rápida intervenção de uma colega, tinha-o partido. De repente, sem saber como, o azulejo voou das suas mãos.





– Tomé, tens de ter cuidado, assim não vais conseguir, é melhor experimentares o restauro!

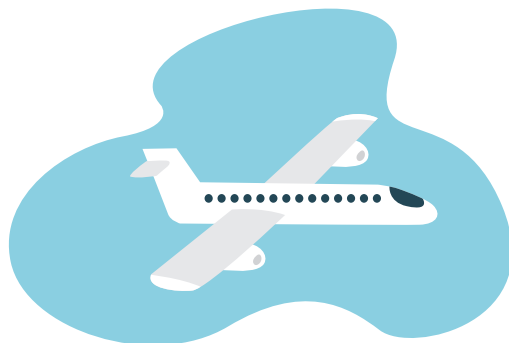
– O restauro, nem pensar, não tenho jeito nenhum para desenhar, nem consigo estar quieto tanto tempo.

– Então tens que pensar melhor. Talvez, este tipo de voluntariado, não seja para ti.

É verdade, nem todos os tipos de voluntariado que existem servem a todos nós. Imaginemos uma pessoa que não gosta de ver sangue, a fazer voluntariado num hospital. Não, não iria dar bom resultado. O melhor é percebermos onde nos sentimos mais confortáveis, depois procurar o local e agir.

Assim foi com o Tomé. Para não quebrar o compromisso, continuou mas, só a catalogar e a separar os azulejos. Assim não corria riscos e o património ficava a salvo.

Durante os seis anos que durou o curso de Medicina, o Tomé fez vários trabalhos como voluntário: ajudou idosos, crianças, limpou praias, florestas, foi leitor numa biblioteca, e mais tarde as suas leituras transformaram-se em livros para invisuais. Constituiu uma equipa de rugby num bairro social. As crianças desse bairro não tinham acesso a este desporto e era importante mantê-las ocupadas depois da escola. Ele dizia muitas vezes:



– O mais importante para mim neste trabalho é ver o sorriso na cara destas crianças. É sentir a vontade que têm em treinar e quando dizem – «Já acabou. Não pode ser mais um bocadinho?» isto é tão comovente, é tão bom, não há dinheiro que pague estes sorrisos.

Quando terminou o curso senti uma enorme vontade de partir para longe e conhecer outras realidades. Já tinha tido contactos e conversas com voluntários que iam para África, e por lá ficavam, durante uns tempos, a ajudar no que fosse preciso.

Assim foi. Partiu para Moçambique, sem prazo para regressar.

Chegou ao fim de dois anos e quando lhe perguntei: «O que é que te motiva, porquê esta necessidade constante de ajudar os outros?» Respondeu:

- Depois de olhar para a minha vida, percebi o tanto que me foi dado, sem que eu tivesse pedido nada. Foram os meus pais, os meus amigos e todas as pessoas com quem me cruzei até hoje. E perante tanto que me foi dado a resposta é óbvia: eu também tenho que dar.

Ao longo dos anos, o Tomé percebeu que ser voluntário é:

ESTIMAR OS OUTROS

FAZER ALGUÉM FELIZ

PARTILHAR CAPACIDADES

AJUDAR O PRÓXIMO

DAR COM O CORAÇÃO E
NÃO ESPERAR NADA EM TROCA

UM ATO DE CIDADANIA

DAR AOS OUTROS
UM BOCADO DE NÓS

RECEBER SEMPRE MAIS
DO QUE AQUILO QUE SE DÁ



TOMÉ, O VOLUNTÁRIO

UMA INICIATIVA

No âmbito do AEV2011

UM PROJECTO

 Auchan

 DEW
www.dei.pt



VISÃO

© 2011, LEYA

TEXTOS

Cristina Freire

Agradeço a todos os voluntários que entrevistei, ao longo do Ano Europeu do Voluntariado. As suas histórias extraordinárias, ajudaram a dar vida ao Tomé.

ILUSTRAÇÕES

Joana Lino

EDIÇÃO

Grupo Leya – Direção de Novos Negócios

DESIGN

Arco da Velha

